

O mistério da guardiã das sementes: tecendo laços a partir das entranhas*

The mystery of the seeds guardian: weaving ties from the bowels

Maria Inês de Castro Millen
Uniacademia - Juiz de Fora - MG, Brasil

Resumo

A intenção desse texto é tratar da questão das mulheres no contexto da família e da sociedade. O plural mulheres aqui é necessário, porque a cultura quer simplificar o que é múltiplo, tentando estabelecer definições universais, muitas vezes unilaterais e reducionistas, e com isso normaliza o que não é aceitável. Para falar das mulheres no contexto da família não se pode furtrar a tocar na questão de gênero, palavra usada durante muito tempo pelo senso comum para definir o masculino e o feminino. Agora, sua utilização como ferramenta hermenêutica para interpretar o diverso e reduzir a desigualdade e os preconceitos, acabou demonizada por algumas pessoas e grupos em função de polarizações inúteis que geraram ideologias que não se sustentam e que mostram desconhecimentos não mais admissíveis. A reflexão pretende ainda trazer à memória um pouco da história das mulheres e dos homens que nos precederam, com o que ela tem de positivo, mas sobretudo com as dificuldades que são apontadas como desafios. Em seguida, a proposta é a da verificação da experiência concreta das mulheres e homens de hoje, para que a compreensão do que somos, juntos, se manifeste. Em seguida será abordada uma nova hermenêutica cristã necessária para uma experiência renovada e mais saudável das relações familiares e sociais, na perspectiva de que um mundo novo é possível.

Palavras-chave

Mulheres.
Família.
Gênero.
Patriarcalismo.
Igreja.

Abstract

The intention of this text is to address the issue of women in the context of family and society. The plural women here is necessary, because the culture wants to simplify what is multiple, trying to establish universal definitions, often unilateral and reductionist, and thus normalize what is not acceptable. To talk about women in the context of the family, one cannot avoid touching on the issue of gender, a word used for a long time by common sense to define male and female. Now, its use as a hermeneutic tool to interpret the diverse and reduce inequality and prejudices, ended up being demonized by some people and groups due to useless polarizations that generated ideologies that do not sustain themselves and that show no more admissible ignorance. The reflection also intends to bring to memory a little of the history of the women and men who preceded us, with what is positive about it, but above all with the difficulties that are pointed out as challenges. Then, the proposal is to verify the concrete experience of women and men today, so that the understanding of who we are together can be manifested. Next, a new Christian hermeneutics necessary for a renewed and healthier experience of family and social relationships will be discussed, in the perspective that a new world is possible.

Keywords

Women.
Family. Genre.
Patriarchy.
Church.

Introdução

Não é possível abordar o tema da família e seus desafios sem tocar na questão das mulheres, com suas memórias, experiências e palavras significativas. Falo de mulheres no plural, porque somos múltiplas, embora a cultura ocidental, com seus meandros, tenha estabelecido definições universais, que muitas vezes nos são estranhas e unilaterais, mas que acabamos normalizando e aceitando passivamente.

A palavra homem foi e é ainda usada para definir o ser humano masculino, com características consideradas 'naturais' para ele, mas também usada para definir toda a humanidade, o que hoje não nos parece correto, pois é uma forma excludente de pensar o humano composto de muitas facetas diferentes, portador de uma complexidade plural misteriosa e difícil de acolher definições fixistas. Por sua vez, a palavra mulher conceitua e define todas as mulheres, em bloco, apontando um ideal construído e matando as diferenças que nascem dos contextos e das realidades tão distantes umas das outras.

Assim, para falar das mulheres no contexto da família não podemos nos furtar a tocar na questão de gênero, palavra usada durante muito tempo pelo senso comum e agora utilizada na academia, mas demonizada por algumas pessoas e grupos em função de polarizações inúteis que geraram ideologias que não se sustentam e que mostram desconhecimentos não mais aceitáveis.

Também é necessário trazer à memória um pouco da história das mulheres e dos homens que nos precederam, com suas alegrias e suas dores, seus erros e seus acertos, para que compreendamos o que significa ser mulher e ser família no tempo em que vivemos.

Em seguida apontarei algumas reflexões a partir de uma nova hermenêutica cristã¹ da realidade das mulheres na família.

Uma questão de gênero

O Ocidente, como o conhecemos hoje, foi gestado em tempos longínquos e as ideias daí decorrentes foram tomando forma e se cristalizaram como verdades absolutas no inconsciente coletivo dos povos. Só que a história dessas verdades foi escrita e contada pelos homens, aqueles que detinham o poder da fala e do mando. As mulheres as escutaram e as incorporaram, assumindo assim, no próprio corpo, as marcas das interpretações equivocadas e dos muitos mal entendidos forjados nas afirmações que geraram violências, discriminações, dores e exclusões.

Compreendemos hoje que universalizar o humano ou fragmentá-lo, reduzindo-o a uma de suas dimensões, produziu e ainda produz muitas teorias e práticas equivocadas que comprometem a essencialidade e a dignidade próprias destes seres criados à imagem de Deus.

* O título fantasia traz a expressão “Guardiã das sementes”, que tem a pretensão de apontar para a missão dada a todas as mulheres de serem as iniciadoras da “revolução da ternura” no cuidado afetuoso das sementes de vida que crescem em seus úteros e em seus corações.

¹ Proposta de uma nova interpretação do legado cristão, feita a partir do olhar e do sentir das mulheres que, no fazer teológico, contemplam o mistério do Verbo encarnado na realidade contemporânea também a partir de suas próprias experiências vitais.

Assim, precisamos compreender melhor o que estamos dizendo quando nos referimos a homens e mulheres, a partir das palavras sexo e gênero².

Nesta perspectiva, falar de **sexo** é se referir a uma realidade objetiva, ao sexo de cada um na sua dimensão biológica/genital/fisiológica e ao ato sexual em si. Por sua vez, falar de **gênero** significa apresentar o masculino-feminino, não só na sua importante dimensão biológica, mas também na sua relação de produção social e cultural, na criação e na aprendizagem dos comportamentos e na reprodução desses mesmos comportamentos. Dizer homem e mulher, na perspectiva de gênero, é dizer, portanto, um modo de ser no mundo, um modo próprio de se relacionar com as pessoas e com as coisas, próprio a cada sexo, um modo de ser que é fruto de uma teia complexa de relações histórico-culturais. Ouçamos o que nos diz Monika Von Koss:

Para nós, seres humanos, possuir uma determinada configuração anatômica e fisiológica significa também possuir um *status* social, cujos limites, direitos e obrigações estão devidamente convencionados e em relação aos quais a comunidade mostra determinadas expectativas. Como seres culturais, nossa identidade sexual não é determinada exclusivamente pela biologia, mas essencialmente definida pela cultura que, por sua vez, se baseia em nossas crenças a respeito do mundo e do papel que nele desempenhamos³.

Nesse universo, algumas expressões precisam ser identificadas e bem compreendidas, como por exemplo ‘estudos de gênero’, ‘teorias de gênero’, ‘ideologias de gênero’, ‘expressões de gênero’, ‘violência de gênero’. Vamos tentar entendê-las.

Os **estudos de gênero** aparecem no movimento feminista dos anos 80/90, como um meio de avaliar as diferenças entre os sexos e denunciar o uso de certos poderes a partir da afirmação desta diferença. O gênero quer ser um importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes

² Uma reflexão sobre essa temática foi feita e pode ser conferida em: MILLEN, M.I C. A violência contra as mulheres. A face macabra do cotidiano. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.) *A moral do Papa Francisco*. São Paulo: Santuário, 2020, p. 151-157.

³ KOSS, M. V. *Feminino + Masculino*. Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000, p. 153.

teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio das diferenças reais apresentadas pela dimensão biológica.

Os **estudos de gênero** nos ajudam a evitar três grandes perigos: o primeiro é considerar o masculino como ideal normativo para a humanidade e o binômio dominação/subordinação como o único terreno de confronto. O segundo perigo é crer na assexualidade de algumas atividades e condições humanas. O terceiro é pensar que homens e mulheres são iguais ou que todas as mulheres são iguais entre si e que todos os homens também.

A primeira questão precisa ser tratada na perspectiva do entendimento do androcentrismo e do patriarcalismo ocidental. A segunda questão se apresenta na compreensão do que seja sexualidade, condição que perpassa todo o nosso ser, em todas as situações e épocas da vida. A terceira diz que a diferença de gênero supõe uma multiplicidade de diferenças entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres. Queremos aqui apresentar a negação da universalidade tanto do masculino quanto do feminino. O sujeito universal precisa ceder lugar a uma pluralidade de protagonistas, deixando de lado a preocupação com a centralidade. As diferenças entre o masculino e o feminino se cruzam com as diferenças de idade, de cultura, de religião e muitas outras.

Por isso, a mediação de gênero constitui um instrumento necessário para a compreensão da complexidade das relações humanas que tem em vista a transformação das relações sociais, quer a nível público, quer a nível doméstico de nossa existência. Podemos ainda dizer que é um instrumento de análise política das relações sociais entre homens e mulheres e que o objetivo principal dos estudos de gênero é colocar às claras, através dessa categoria, todo um sistema das relações de poder baseadas no papel social, político e religioso de nossa realidade de seres sexuados. No entanto, a categoria gênero tornou-se, nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina, e também masculina, e instrumento de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença.

Assim, sabemos que os **estudos de gênero**, ao longo dos anos, se transformaram em teorias, que por sua vez foram ideologizadas. Por um lado,

houve uma tentativa de negar a importância e o significado da diferença entre os sexos, colocando todo o peso nos papéis sociais e, por outro, uma visão das teorias somente a partir desse prisma extremado. Não teríamos aqui espaço para trabalhar as diferentes teorias, por isso vamos tratá-las a partir da ideologização a que foram submetidas.

Gostaria de começar falando sobre as **ideologias de gênero** a partir de um evento acontecido em 2017, relacionado com a presença de Judith Butler no Brasil⁴.

Depois de muitas críticas à sua presença aqui em nosso país, uma mulher ataca Judith no aeroporto. Como tudo isso aconteceu e o que significa? Vou retomar as palavras da própria Butler em uma entrevista dada posteriormente ao jornal Folha de São Paulo:

Desde o começo, a oposição à minha presença no Brasil esteve envolta em uma fantasia. Um abaixo-assinado pedia ao SESC Pompeia que cancelasse uma palestra que eu nunca iria ministrar. A palestra imaginária, ao que parece, seria sobre "gênero", embora o seminário planejado fosse dedicado ao tema "Os fins da democracia" (*"The ends of democracy"*). Ou seja, havia desde o início uma palestra imaginada ao invés de um seminário real, e a ideia de que eu faria uma apresentação, embora eu estivesse na realidade organizando um evento internacional sobre populismo, autoritarismo e querendo discutir a atual preocupação de que a democracia esteja ameaçada. Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que se imaginou que eu daria. Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação. Para aqueles que se opuseram à minha presença no Brasil, "Judith Butler" significava apenas a proponente de uma ideologia de gênero, a suposta fundadora desse ponto de vista absurdo e nefasto, alguém, aparentemente, que não acredita em restrições sexuais, cuja teoria destrói ensinamentos bíblicos e contesta fatos científicos⁵.

⁴ Judith Butler é uma filósofa feminista judia norte-americana. Ela também trata dos temas filosofia política e ética. Atualmente ocupa o cargo de professora do Departamento de Retórica e Literatura da Universidade da Califórnia em Berkeley. Desde 2006 também ocupa o posto honorificamente intitulado "Hannah Arendt" na European Graduate School. Tem várias obras publicadas.

⁵ BUTLER, J. *Meus dias de bruxa no Brasil*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em 18/03/2018.

Quis trazer o fato para dizer que ele é fruto da construção das **ideologias de gênero**. Aqui temos que levar em conta a importância da linguagem. A partir de uma teoria dada, é construída, por um grupo, outra teoria, reduzida ou ampliada, ou até mesmo falseada, propagada, demonizada. O outro lado rejeita a redução ou a ampliação e radicaliza por sua vez. As radicalizações, os extremismos, nos lembram sempre os pêndulos agarrados a cada vez em um dos lados, sem o balanço que o equilibra e que é necessário para o seu bom funcionamento.

É importante saber que as **teorias de gênero** e os **estudos de gênero** têm sido pouco analisados sem os partidarismos e tendencionismos e, por isso, são mal compreendidos e fortemente criticados por segmentos vários, tanto civis como religiosos, que a eles se referem como sendo somente **ideologias de gênero**. É necessário aqui lembrar que as ideologias são sempre manipuladoras e que no espaço público e privado geram disputas na elaboração e na implementação de leis e políticas públicas que envolvem a família, a educação, a saúde e os direitos.

Como exemplo, trazemos Jorge Scala em seu livro: “Ideologia de gênero. O neototalitarismo e a morte da família”, que diz logo no seu primeiro parágrafo:

A assim chamada “teoria” (“enfoque”, “olhar” etc.) de “gênero” é, na realidade, uma ideologia. Provavelmente a ideologia mais radical da história, já que, se fosse imposta, destruiria o ser humano em seu núcleo mais último e simultaneamente acabaria com a sociedade⁶.

Essa consideração das teorias e estudos de gênero como ideologia se firmou na compreensão de alguns e trouxe à pauta inúmeras discussões. O que queremos refletir é que percepções como essa se apresentam, em muitos casos, sob a forma de uma **ideologia absoluta e totalizante**, que de um lado tende a suplantar radicalmente a tradicional interpretação da diferença sexual, negando toda função ao sexo biológico e, de outro, negando ou relativizando os papéis sociais que foram dados às pessoas em função desta

⁶ SCALA, J. *Ideologia de gênero*. O neototalitarismo e a morte da família. São Paulo: Katechesis, Editora Artpress, 2011, p. 11. Grifos do autor.

diferença. Mas, será que aqui estão as únicas leituras possíveis das questões de gênero? Esta é a pergunta que nos faz Giannino Piana, teólogo italiano, que considera também outra perspectiva. Vejamos:

Rejeitando posições unilaterais e simplificadoras de marca estritamente ideológica [...] se deve admitir que a leitura do mundo humano que provém da **teoria do gênero** solicita à ética em geral, e aquela de inspiração cristã em primeiro lugar, que fundamente as próprias orientações sobre bases mais amplas do que as tradicionais, prestando maior atenção às complexas dinâmicas que presidem a construção dos comportamentos, dinâmicas ligadas aos processos estruturais e culturais próprios da sociedade à qual se pertence⁷.

Ainda, segundo Piana, é necessário que consideremos uma perspectiva cristã de gênero que proponha não renunciar à diferença entre homem e mulher e à sua fundamental importância, que se fundamenta no sexo anatômico, e que constitui o arquétipo do qual se origina a humanidade. No entanto, é preciso que também se considere o papel da cultura e das estruturas sociais, reconhecendo o mérito que os estudos de gênero têm em captar a relevância das vivências pessoais na definição da identidade de gênero. Só essa postura equilibrada pode contribuir para a superação de preconceitos causadores de graves discriminações.

Vejamos o que ainda nos diz o autor citado:

O abandono de todo enclausuramento ideológico e a abertura a um debate sereno entre as posições delineadas - debate centrado no reconhecimento da dignidade da pessoa humana e da igualdade dos direitos e, portanto, em uma plataforma de valores compartilhados - é o caminho a percorrer para contribuir com o desenvolvimento de uma convivência civil em que as diferenças, longe de serem demonizadas ou marginalizadas, se traduzam em riqueza para a vida de todos⁸.

Podemos, então, considerar que, se, de fato, abandonarmos as perspectivas ideológicas que subjazem tanto às posições extremas da teoria

⁷ PIANA, G. *Gênero: para refletir além dos extremismos*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542092-genero-para-refletir-alem-dos-extremismos>. Acesso em 20/04/2018.

⁸ PIANA, G. *Sexo e gênero: para além da alternativa*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533286-sexo-e-genero-para-alem-da-alternativa-artigo-de-giannino-piana>. Acesso em 20/04/2021.

de gênero quanto a algumas formas alarmistas de reação a ela e se dermos espaço a uma visão mais atenta à globalidade e à complexidade do humano, o diálogo se torna realmente inevitável e pode nos conduzir a uma postura menos belicista e polarizadora, recuperando questões importantes a serem refletidas como a desigualdade, a opressão e a submissão das mulheres que têm acontecido ao longo da história do Ocidente.

O que nos contaram

Voltando à história que nos contaram nos deparamos com o **patriarcalismo**, analisado pela sociologia a partir dos costumes e do modo de viver da sociedade. Esta história, quase sempre narrada por homens, nos mostra e nos conduz a algumas realidades impactantes que precisam ser devidamente conhecidas e interpretadas. No Brasil, temos as obras de Gilberto Freyre que nos ajudam a compreender a questão do patriarcado e iniciam um movimento de pensar o papel e a importância das mulheres para a construção da vida social, o que não era comum até então⁹.

O patriarcalismo, nutrido por uma mentalidade dualista excludente, tem algumas características que gostaria de apontar. Ele considera o homem, o macho, como aquele que é o forte, o guerreiro, o centro do universo, o chefe da família, o pai provedor, o que deve sempre ser obedecido, pois tem o poder de fala e de mando e é o que constrói a cultura e as subjetividades.

Muitas mulheres introjetaram essa realidade fabricada e passaram a se considerar como inferiores, frágeis, menores, sem importância para o contexto familiar e público a não ser no exercício das funções para as quais foram feitas, elencadas socialmente como as de reprodução, cuidado da casa e da prole. As qualidades da discrição, do silêncio, da delicadeza, da

⁹ Para compreender melhor a história do patriarcado no Brasil confira: FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. In: SANTIAGO, S. (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 105-645; FREYRE, G. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. In: SANTIAGO, S. (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 647-1379; FREYRE, G. *Ordem e progresso*: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. 2º v.

obediência, sempre foram exaltadas. Assim a incidência da mulher na esfera pública não estava prevista, não deveria acontecer e qualquer articulação para esse fim precisaria ser desfeita e até penalizada.

Fátima Quintas, no seu ensaio ‘Sexo à moda patriarcal’, nos fala da vida das mulheres portuguesas no Brasil colonial, forjada, segundo ela, por um “patriarcalismo arrogante e penianamente imperativo. A mulher margeava uma civilização, nascida sob a égide do macho.” Ouçamos ainda outras suas palavras contundentes:

longe, atravessa mares, continentes, ilhas... Milênios vão se multiplicando por entre uma infância preconceituosa. Os valores se cristalizam e a educação formal recrudescer os conceitos, tão bem adormecidos na mente da menina. É a cultura agindo sobre o indivíduo e revelando a sua face, às vezes hostil e racionalmente ardilosa. Universal, a inferioridade arrasta-se numa saga que beneficia o masculino e reprime o feminino¹⁰.

Para que compreendamos a história da submissão feminina, regida pelo patriarcalismo, que vem de longe, queria trazer também algumas reflexões de Carole Pateman sobre a teoria do contrato social e sexual¹¹. Temos na tradição do pensamento político ocidental a noção de contrato social. Para Pateman, a teoria liberal do contrato naturaliza as formas de submissão e isso se aplica à compreensão do sucesso do patriarcalismo. Luis Felipe Miguel tem um artigo muito interessante com o título: ‘Carole Pateman e a crítica feminista do contrato’ que nos traz a seguinte reflexão:

Enquanto na narrativa contratualista, que dominou a filosofia política dos séculos XVII e XVIII e conheceu um *revival* a partir dos anos de 1970, o contrato é o instrumento que formaliza a igualdade civil, a inclusão da categoria “gênero” permite entendê-lo como definidor de assimetrias e exclusões. Pateman avança na direção de uma crítica abrangente ao contrato, que para o pensamento liberal garante a possibilidade de cooperação social sem coerção, na medida em que se baseia

¹⁰ QUINTAS, F. *Sexo à moda patriarcal*. O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. São Paulo: Global, 2008, p. 51-57.

¹¹ PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.

em consentimentos voluntários e acordos mútuos, mas que ela descreve como produtor de padrões de submissão¹².

Vou retomar aqui um texto da própria Pateman, quando trata de contrato sexual, pois ele nos aponta para a constituição do patriarcado enquanto modo de ser civilizacional. Vejamos o que ela diz:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal - é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. [...] O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal - isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de 'lei do direito sexual masculino'. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno¹³.

Assim, o conceito de patriarcado que se origina de um pacto masculino para garantir a submissão consentida das mulheres avaliza a solidariedade entre os homens e os capacita a sempre estarem no controle no que diz respeito à vida dessas mesmas mulheres.

A história nos oferece fartos exemplos desta realidade. As mulheres aprenderam desde sempre como devem ser e como devem se comportar para garantir que as boas expectativas da sociedade sobre elas se concretizem e que a ordem instaurada não seja quebrada. Os homens, por sua vez, também aprenderam como deveriam ser, com consequências também não muito felizes, o que veremos mais adiante.

¹² MIGUEL, L. F. *Carole Pateman e a crítica feminista do contrato*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Z8RkRcXTyxwPPMzwQCBKmrx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17/07/2021.

¹³ PATEMAN, 1993, p. 16-17.

É bom lembrar ainda que o patriarcalismo também pode ser analisado a partir das referências religiosas que herdamos da cultura judaico-cristã. O catolicismo, a partir do qual reflito, se reconhece como herdeiro da religião do Pai e dos filhos do Pai: “O Deus de Abraão, Isaac e Jacó” (Ex3,6). A história do judeu-cristianismo, contada através dos séculos, com sua interpretação das Escrituras, seus dogmas e preceitos, seus ritos e símbolos, foi também escrita pelos homens. Os teólogos católicos e cristãos, aqueles que escreveram, refletiram e analisaram a experiência de dois mil anos de cristianismo foram, na sua grande maioria, homens que pertenceram a uma hierarquia clerical masculina e celibatária.

As mulheres, com algumas exceções no cristianismo dos primórdios, foram colocadas no lugar de receptoras e serviçais, sem nenhuma possibilidade de protagonismo. O universo religioso machista e misógino pode ser reconhecido através de inúmeras falas de importância considerada e tomadas como referência para a Igreja. Vamos dar alguns exemplos, a começar por Paulo, na sua carta a Timóteo, que afirma:

Durante a instrução a mulher fique escutando em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que mande no homem. Ela fique em silêncio. Com efeito, Adão foi formado primeiro; Eva depois. E não foi Adão que se deixou seduzir, mas a mulher é que foi seduzida e se tornou culpada de transgressão. No entanto, ela será salva pela geração de filhos, se, naturalmente perseverar na fé, no amor e na santidade, unida à modéstia¹⁴.

Esse pensamento paulino, muitas vezes interpretado isoladamente e fora de contexto, persistiu ao longo de toda a Idade Média e reforçou uma crença difícil de ser contestada.

Escutemos também, com atenção, alguns outros autores relevantes, mencionados pelo teólogo e padre italiano Vittorio Menciucci em um artigo que tem o título: As mulheres e a Igreja. As raízes de uma discriminação.

A mulher é o princípio do pecado e, por causa dela, todos nós morremos. O beato Paulo diz: ‘Adão não foi enganado, foi a mulher que, enganada, cometeu a transgressão’. Não foi

¹⁴ 1Tm 2, 11-15.

talvez por isso que o sábio disse: ‘Qualquer maldade é pequena quando comparada com a maldade da mulher’? (**São João Crisóstomo**).

Tu não sabes que és Eva... Tu és a porta do diabo... Tu és aquela que, por primeiro, violou a lei divina; tu és aquela que persuadiu aquele que o diabo não foi capaz de atacar; quão facilmente fizeste cair o homem, a imagem de Deus; pela pena por ti merecida, isto é, a morte, até mesmo o filho de Deus teve que morrer (**Tertuliano**).

Não sabes que és mulher e que, através das mulheres, o inimigo combate os santos? (**Leão Magno**).

A beleza do corpo está apenas na pele. Na realidade, se os homens pudessem ver o que está debaixo da pele, a visão das mulheres lhes daria náusea... Embora não suportemos tocar um cuspe ou um excremento nem mesmo com a ponta dos dedos, como é que podemos abraçar esse saco de excrementos? (**Odo**, abade de **Cluny**).

Quando vês uma mulher, pensa que é um demônio, que é uma espécie de inferno” (**Odo**, abade de **Cluny**).

O vento Norte dá força, o Sul a tira... o vento Norte favorece a geração de homens, o vento Sul, a das mulheres, porque o vento Norte é puro... o vento Sul é úmido e carregado de chuva (**Alberto Magno**).

A mulher é a própria sensualidade, que é bem representada por ela, já que, na fêmea, ela predomina por natureza (**Pedro Lombardo**).

A mulher, coisa frágil, nunca estável, exceto no delírio, nunca deixa de causar dano espontaneamente. A mulher, chama voraz, loucura extrema, inimiga íntima, aprende e ensina tudo o que pode causar dano, nascida para enganar, pensa ter tido sucesso, quando pode ser culpada. Enquanto consome tudo no vício, é consumida por todos e, predadora dos homens, torna-se, por sua vez, sua presa (**Hildeberto de Lavardin**).

Enquanto a mulher está para a geração e para a prole, ela difere do homem assim como o corpo difere da alma, mas, quando quer servir a **Cristo** mais do que ao mundo, então

deixará de ser mulher e será chamada de homem (vir) (São Jerônimo)¹⁵.

O que podemos tristemente constatar é que, depois de tantos séculos onde estes pensamentos horríveis dominaram, muitos homens religiosos, celibatários, ainda hoje permanecem machistas e misóginos, com uma visão redutora e preconceituosa da mulher, mesmo depois de tantas reflexões feitas que nos encaminham para outra direção.

É possível dizer ainda, amparada pelas ciências modernas, que a visão da inferioridade da mulher e as atitudes daí decorrentes estão enraizadas no medo por ela provocado. Seu corpo sexuado, que sangra e reproduz, que guarda as sementes e as faz nascer e crescer é sempre um mistério, para elas mesmas e, sobretudo, para os homens. Seus órgãos reprodutores escondidos no interior de seu corpo velam sua capacidade vivificadora. Por isso o resgate da dignidade que lhe é própria foi feito através da renúncia à sexualidade, da exaltação da virgindade e no uso necessário do sexo para a procriação. Assim, suas virtudes, fora do estado virginal celibatário, se apresentam somente quando exercidas na função da maternidade. Como sabemos que o medo é mau conselheiro e que produz apenas humilhação e angústia ou raiva e agressividade, talvez aí esteja a causa mais objetiva das ações que ainda submetem e oprimem as mulheres e da violência real ou simbólica que as reduz e humilha.

O que experimentamos

Após essas reflexões e constatações precisamos dizer sobre a experiência de ser mulher, e também escutar a experiência de ser homem, na sociedade, assim organizada inicialmente, mas também na família que, idealizada como patriarcal e nuclear, esconde suas mazelas e dores para que este ideal proposto não seja desmontado ou pelo menos questionado. Assim, a família segue sendo apresentada idealmente como aquela que representa o

¹⁵ MENCUCCI, V. *As mulheres na Igreja*. As raízes de uma discriminação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/581733-as-mulheres-e-a-igreja-as-raizes-de-uma-discriminacao-artigo-de-vittorio-mencucci>. Aceso em 10/07/2021

lugar do casal heterossexual que se ama, se respeita, tem filhos e os educa na fé, lugar do sossego, do descanso, da paz, do aconchego, do amor sempre manifestado e partilhado.

O que experimentamos é muito diferente. Sabemos que não existe a 'família perfeita'. O que existe são famílias, nas suas mais diversas constituições e organizações, que lutam em busca de um ideal de convivência harmônica e saudável.

Mas sabemos também que homens e mulheres, na família, continuam cumprindo as demandas a eles impostas, apesar das muitas mudanças hoje verificadas. O que se percebe é que o pensamento greco-romano e judaico-cristão nos moldes patriarcal, machista e, em algumas circunstâncias até misógino, ainda se faz presente na sociedade, apesar dos movimentos feministas, há mais de 50 décadas, terem tido um papel importantíssimo por possibilitar mulheres e homens discutirem suas identidades, sua relacionalidade, as questões referentes às desigualdades e seus lugares no mundo.

Sabemos que, a partir dos anos 60/70, algumas mulheres começaram a refletir e a questionar publicamente o que tinham aprendido e daí nasceu uma nova compreensão de si mesmas, o que permitiu que elas buscassem novas opções de vida e atuações para além das demandas domésticas e privadas, que permanecem. Hoje, muitas estão inseridas no mercado de trabalho, pois se capacitaram e adquiriram competência para uma atuação pública respeitável e responsável. No entanto, o caminho ainda está sendo percorrido, não sem lutas, sofrimentos e incompreensões. Apesar de todos os progressos, as mulheres ainda sofrem com a incompreensão masculina da sua nova identidade, sofrem com a dupla jornada de trabalho: o doméstico, muitas vezes extenuante e não reconhecido e partilhado, e o público, com todas as responsabilidades daí advindas.

No entanto, alguns homens, conscientes do movimento de emancipação das mulheres, perceberam a armadilha na qual estavam inseridos e reagiram. Gosto muito da reflexão que faz Sócrates Nolasco no seu livro 'O mito da masculinidade', quando aponta a socialização dos meninos como um fator que suscita a guerra dos sexos.

Em razão do método como são socializados, os homens concebem a noção de diferença como conceito biológico, um indicador de oposição entre ele e uma mulher. As diferenças, enquanto pares de oposição, no contexto patriarcal passam a ser compreendidas, pelos homens, como ameaça e criam-se mecanismos de defesa. No caso das mulheres, a desvalorização social a que ficaram submetidas durante anos pode ser entendida como uma reação a esta ameaça.¹⁶

Sócrates, na sua reflexão, percebe cada vez mais a ideia do homem como vilão violento e agressivo como algo que não faz mais sentido, pois para aderir aos valores e comportamentos determinados, os homens tiveram que se submeter a violências contra eles mesmos.

Ouçamos o que ele diz:

Um menino cresce ignorando as sensações que brotam do próprio corpo, distanciando-se da possibilidade de formar uma visão particular sobre ele mesmo. Assim, ele é conduzido pela sedução viril da família e da escola por sobre sucessivos estereótipos machistas. Dessa forma, eles são mantidos alheios aos afetos que os mobilizam e, portanto, embotam a sensibilidade que lhes é característica. Um menino é educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carcereiro¹⁷.

A grande questão que precisa ainda ser discutida é por que, ainda hoje, muitas mulheres e homens reproduzem nas suas vidas o ideal patriarcal que já parecia ter sido superado. O que se percebe é que as novas mulheres ainda trazem no seu inconsciente coletivo aquilo que aprenderam lá atrás e isso se reflete, por exemplo, no modo como educam seus filhos e filhas. Por isso, muitos homens ainda se consideram melhores, maiores, mais fortes e mais capazes que as mulheres, e agem como se assim fosse, e muitas mulheres ainda aceitam tranquilamente essa situação, apesar de algumas resistências que muitas vezes lhes rendem incompreensões, medos, humilhações e violências de todo tipo.

O que gostaria de destacar e frisar é que impressiona o fato dessas pessoas que assim pensam e agem terem sido gestadas, criadas e educadas pelas mulheres. Aqui temos uma questão complexa, que nos permite concluir

¹⁶ NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 44.

¹⁷ NOLASCO, 1993, p. 47.

que educamos nossos filhos e filhas, com algumas exceções, é claro, para serem homens ou mulheres segundo o modelo impresso em nós pela família patriarcal, pela cultura machista e pela sociedade competitiva e excludente. Penso que apesar de todos os esforços para a experiência de outra perspectiva e de acreditarmos sinceramente que devemos educá-los para serem humanos, ainda não conseguimos nos desvencilhar dos padrões apreendidos.

A poesia diz em poucas linhas o que precisamos de muitas palavras para expressar. Por isso recordo aqui um trecho da canção de Belchior, ‘Como nossos pais’:

[...] Minha dor é perceber
que apesar de termos
feito tudo o que fizemos
ainda somos os mesmos
e vivemos
ainda somos os mesmos
e vivemos
como os nossos pais [...] ¹⁸

Isso significa que ainda precisamos de um amplo processo de conscientização da dignidade de todas as pessoas, dignidade esta que precisa ser garantida e experimentada, apesar das diferenças existentes. Precisamos acolher um novo modo de perceber o mundo e a nossa humanidade. Creio que isso não acontecerá se não mudarmos o modo como educamos nossos filhos e filhas, lembrando que, se assim não for, a relação que se estabelecerá entre eles continuará repetindo o padrão imposto que, na teoria, já rejeitamos. A grande dificuldade é que isso implica, além de muitas outras coisas, em relações de poder que precisam ser reformuladas e isso não é tão simples.

Considerações finais: o que queremos contar

Em primeiro lugar, precisamos admitir que o mundo mudou, que entramos em uma nova era. O advento de uma pandemia de grandes

¹⁸ MARCELLO, C. Música Como Nossos Pais, de Belchior. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/como-nossos-pais/>. Acesso em 05/08/2021.

proporções que nos assola está a nos mostrar que fracassamos como humanidade e que, por isso, as pessoas e as relações que elas devem estabelecer consigo mesmas, com os outros, com o ambiente e com Deus devem ser diferentes. Só que o futuro, que pensávamos distante, se antecipou e nos pegou de surpresa. Atônitos e atônitas, estamos sem saber bem como fazer o novo acontecer, como reconstruir nossas vidas ameaçadas, como recuperarmos nossa humanidade perdida.

Penso que, primeiramente, é preciso resgatar uma sadia antropologia que considere as ricas e complexas dimensões do ser humano na perspectiva da unidade básica que o integra e o configura. O nefasto dualismo antropológico, que reinou por tanto tempo, deve ser banido do modo como pensamos e vivemos. Maria Clara Bingemer nos afirma que “a cristologia é o fim do patriarcalismo”¹⁹, justamente porque Jesus proclama e vive uma antropologia integradora que recupera para as mulheres, a metade discriminada da humanidade, uma relação humana e igualitária, adulta e responsável.

Depois, precisamos repensar o modo como nos relacionamos, em um mundo com outros paradigmas civilizatórios. Nessa perspectiva, a família é a instância que deve ser priorizada, pelo fato de nela estar o núcleo onde os afetos e as desavenças nascem, cristalizam-se e se manifestam. Não podemos mais ignorar, nem muito menos demonizar as diferentes organizações familiares que conhecemos, pois em um mundo com tantas dores e dificuldades, as pessoas se arranjam como podem. A moral do possível e da gradualidade precisa ser seriamente considerada, pois somos criaturas em busca da perfeição, cada qual caminhando segundo os passos que consegue dar. As mulheres, nas famílias contemporâneas, continuam a ser mães, avós e, muitas vezes, sozinhas, são também as cuidadoras e provedoras de toda a família. São também as que sustentam a religião, pois são maioria nas Igrejas, com seu serviço e solidariedade. Os grupos de mulheres que se unem para refletir, rezar e buscar caminhos mais saudáveis para si e para os outros é uma realidade. Os homens, desorientados e amedrontados por uma situação

¹⁹ BINGEMER, M. C. L. *O segredo feminino do mistério*. Ensaios de teologia na ótica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 108.

que os desafia, desenvolvem um sentimento de impotência ou de raiva e, ou não assumem os compromissos ou reagem à vida com frustração e violência. As exceções acontecem, é claro, mas são exceções e não representam a realidade como se pretende crer.

Assim, as famílias precisam ser ressignificadas de um modo mais realista para que possam ser valorizadas e representar realmente um lugar onde o amor seja o centro irradiador da vida que se deseja, independente da maneira como elas consigam se organizar.

Em seguida, temos as pessoas, com suas existências significativas, que precisam ser compreendidas e valorizadas em si mesmas, apenas pelo fato de terem todas sido criadas à imagem e semelhança de Deus e por Ele serem amadas.

Sabemos que nossa existência se manifesta em nossos corpos vivos e animados e aqui gostaria de retomar a questão do corpo das mulheres. Elas foram discriminadas, marginalizadas e anatematizadas justamente por causa de sua biologia, de seus corpos sexuados que escondem o mistério da vida. Elas tecem laços a partir de suas entranhas e por isso o temor da força que delas emana e de seu poder vivificador. Elas constituem a metade da humanidade e são as mães da outra metade, por isso é tão difícil pensar que aqueles que delas vieram a discriminem tanto. É de se lamentar que falte em alguns homens pelo menos a memória agradecida deste seio que os aconchegou, da vida que os alimentou e guardou. Para não faltar com a verdade, é preciso reconhecer que os homens distinguem suas mães das outras mulheres, tendo para com elas um respeito à parte, o que não faz justiça às mães das outras pessoas, que continuam sendo as Evas demolidoras do bem e da moral. Os celibatários veneram suas mães e Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, a mãe de Deus, a nossa Mãe. As outras mulheres estão submersas na condição das “incômodas filhas de Eva”. Essa frase está no título de um dos livros de Ivone Gebara, que não temos espaço para retomá-lo, mas que merece ser lido e refletido, pela atualidade que ainda nos traz²⁰.

Voltando à questão do corpo das mulheres, quero trazer uma reflexão que julgo extremamente pertinente e feliz. Maria Clara se apoia na biologia

²⁰ GEBARA. I. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: EP, 1989.

feminina para resgatar a dignidade da mulher a partir mesmo do lugar no qual ela foi degradada. Ouçamos o que ela diz:

Alimentar com seu próprio corpo é a maneira por excelência que Deus escolheu para estar definitiva e sensivelmente presente no meio de seu povo. O pão que partimos e comemos e que professamos ser o corpo de Jesus Cristo remete ao mistério maior de sua encarnação, morte e ressurreição. É sua pessoa dada em alimento, é sua própria vida feita corporalmente fonte de vida para os cristãos. Ora, a mulher é alguém que possui na sua corporeidade a possibilidade concreta de realizar o gesto divino na Eucaristia. Em todo o processo de gestação, parto, proteção e nutrição de uma nova vida, é o sacramento da Eucaristia, o gesto divino, acontecendo de novo²¹.

Este gesto divino, acontecendo de novo a partir do corpo da mulher, resgata esse mesmo corpo da sua inferioridade e garante a todas as mulheres, mesmo as que não são mães objetivamente, sua grandeza e força, pela potencialidade que carregam impressas na sua própria carne feminina, abençoada e querida por um Deus que a integra, a reconhece e a simboliza.

Assim sendo, a sociedade e a Igreja precisam urgentemente repensar seu *modus vivendi*, no horizonte das relações fraternas e sexualmente integradas, quando todas as pessoas sejam incluídas e o afeto partilhado, sem preconceitos e exceções, para que a humanidade possa ser resgatada de sua perspectiva competitiva, predadora e bélica para o ideal do Reino, manifestado em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

Referências

BINGEMER, M. C. L. *O segredo feminino do mistério*. Ensaios de teologia na ótica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991.

BUTLER, J. *Meus dias de bruxa no Brasil*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>.

GEBARA. I. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo:

²¹ BINGEMER, 199, p. 72.

EP, 1989.

KOSS, M. V. *Feminino + Masculino*. Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.

MARCELLO, C. *Música Como Nossos Pais, de Belchior*. Disponível em:

<https://www.culturagenial.com/como-nossos-pais/>.

MENCUCCI, V. *As mulheres na Igreja*. As raízes de uma discriminação.

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/581733-as-mulheres-e-a-igreja-as-raizes-de-uma-discriminacao-artigo-de-vittorio-mencucci>.

MIGUEL, L. F. *Carole Pateman e a crítica feminista do contrato*. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Z8RkRcXTyxwPPMzwQCBKmrX/?format=pdf&lang=pt>

MILLEN, M. I. C. A violência contra as mulheres. A face macabra do cotidiano. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (Orgs.). *A moral do Papa Francisco*. São Paulo: Santuário, 2020.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIANA G. *Gênero: para refletir além dos extremismos*. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542092-genero-para-refletir-alem-dos-extremismos>.

PIANA. G. *Sexo e gênero: para além da alternativa*. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533286-sexo-e-genero-para-alem-da-alternativa-artigo-de-giannino-piana>.

QUINTAS, F. *Sexo à moda patriarcal*. O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. São Paulo: Global, 2008.

SANTIAGO, S. (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

SCALA, J. *Ideologia de gênero*. O neototalitarismo e a morte da família. São Paulo: Katechesis, Editora Artpress, 2011.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.

Trabalho submetido em 27/09/2021.
Aceito em 15/12/2021.

Maria Inês de Castro Millen

Doutora em Teologia (PUC-Rio), Mestre em Ciência da Religião (UFJF), Graduada Teologia (PUC-Rio) e em Medicina (UFJF). Leiga, casada e Presidente da SBTM. E-mail: mmillen2000@gmail.com